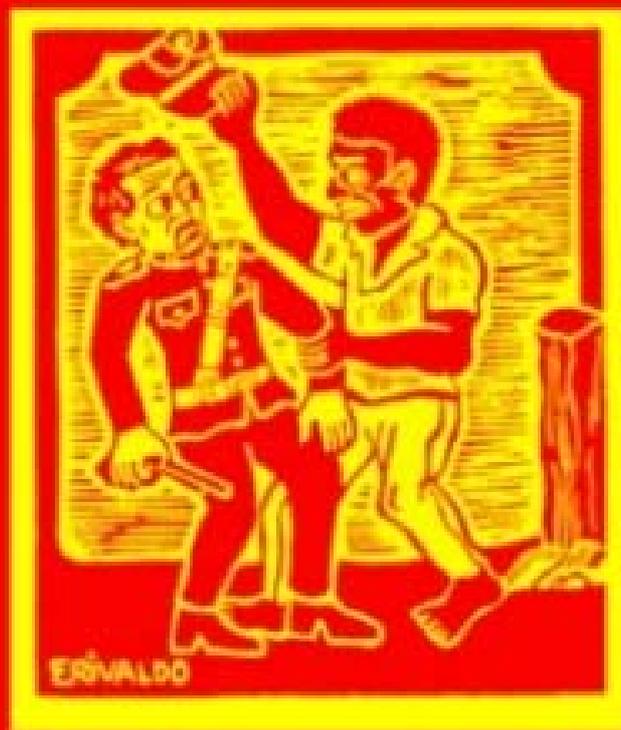


Victor Alvim Itahim Garcia  
(Lobisomem)



★ Histórias e Bravuras de  
**BESOURO**  
O Valente Capoeira

LITERATURA DE CONDIÇÃO

# As bravuras de se contar histórias sobre Besouro Preto

Por Victor Alvim “Lobisomem”

Desde que me entendo por capoeirista, venho ouvindo as músicas, histórias e “causos” sobre um tal homem, da cidade de Santo Amaro da Purificação na Bahia, que enfrentava a polícia ou qualquer outro adversário e sempre saía vencedor. Além de ter o corpo fechado, o sujeito ainda conhecia orações poderosas e uma mandinga que o transformava num besouro preto e venenoso, que saía voando nas horas de grande perigo. Este homem, o tal capoeirista de Santo Amaro, era conhecido como Besouro Mangangá, Besouro Cordão de Ouro ou Besouro Preto.

Estas histórias me fascinavam, principalmente quando eram contadas por algum mestre mais antigo como Cobrinha Verde, que foi discípulo do próprio ou João Pequeno que é filho de um primo de Besouro.

Muitos anos se passaram, dezenas de outras cantigas eu conheci, muitas outras histórias me foram contadas e o mito “Besouro” cada vez me despertava mais interesse e admiração.

Quando estreitei minha relação com a literatura de cordel e comecei a escrever sobre capoeira dentro deste estilo, me dei conta que as valentias de Besouro eram um tema perfeito para um livreto versado. As brigas de Besouro com a polícia eram tão emocionantes quanto as batalhas de Lampião com as volantes nordestinas ou do “Valente Vilela” com o batalhão que o cercou dentro de casa.

Mãos a obra: Comecei a escrever e os versos foram surgindo fluentemente:

*Aqui estou novamente  
Improvisando e versando  
Esperando que meus versos  
Estejam lhes agradando  
Seja pra passar o tempo  
Distraíndo ou informando*

*Vou falar de um personagem  
Da história da capoeira  
Muitos ainda duvidam  
Se a história é verdadeira  
Desse homem batizado  
Manoel Henrique Pereira*

*A história deste homem  
De mistérios é cercada  
Muita gente ainda pensa  
Que é uma lenda inventada  
Mas a sua existência  
Já foi mais que comprovada*

Ao mesmo tempo em que escrevia, ia lembrando das músicas que falavam de Besouro. Fui procurando nos discos de Mestre Pastinha, Traíra, Cobrinha Verde, Paulo dos Anjos e outros mais novos. Cada vez que as ouvia, minha inspiração era alimentada e eu continuava a escrever:

*Nas rodas de capoeira  
Seu nome é muito cantado  
Fora das rodas também  
Ele é sempre lembrado  
Como um grande capoeira  
Que tinha o corpo fechado*

*Dizem que era valente  
E bravo como um touro  
O chamavam “Besouro Preto”  
Besouro “Cordão de Ouro”  
De “Besouro Mangangá”  
Ou simplesmente “Besouro”*

Além de ouvir as músicas e relembrar os causos que tinha escutado, reli todos os meus livros de capoeira que falavam sobre Besouro. “Feijoada no Paraíso” de Marco Carvalho; era um destes que me fazia “viajar” e me emocionar, muitas vezes me transportando para a época e os locais onde seus contos aconteciam. “Bimba, Pastinha e Besouro Mangangá” de Antonio Liberac foi o livro que trouxe a comprovação de que Besouro realmente não era somente uma lenda e suas pesquisas foram fundamentais descobrindo informações como o nome completo, data do falecimento e as versões dos registros policiais de algumas confusões em que Manoel Henrique Pereira havia se metido.

Eu estava mergulhado de cabeça em toda essa magia e cada vez ficava mais fácil e gostoso de escrever:

*Dessa espécie de inseto  
Surgiu o seu apelido  
No estado da Bahia  
Ele foi muito temido  
Sua fama corre o mundo  
Jamais será esquecido*

*Mangangá é uma espécie  
De besouro da cor escura  
Que fura qualquer madeira  
Seja ela a mais dura  
Madeira boa, de lei  
O Mangangá vai e fura*

*Não queira nunca sentir  
Sua forte ferroada  
Que deixa qualquer pessoa  
Na cama adoentada  
Com febre e calafrio  
Totalmente derrubada*

A música “Lapinha” de Baden Powell e Paulo César Pinheiro também foi uma que ouvi centenas de vezes dentro deste período, numa interpretação de Elza Soares que encontrei na internet. Eu fechava os olhos e me emocionava a escutando repetidas vezes.

Dava gargalhadas sozinho em casa quando escrevia passagens de Besouro com policiais abusados mas que no fim eram desmoralizados pelo capoeirista:

*Numa outra ocasião  
Besouro andava a pé  
Passeando pela margem  
Lá do Rio Subaé  
A polícia lhe abordou:  
- Me diga você quem é ?*

*Besouro lhes respondeu:  
- Se querem saber quem sou  
Vão ter que adivinhar  
Pois falar é que não vou  
E agora eu vou embora  
Pois com muita pressa estou!*

*E os soldados não sabiam  
Onde estavam se metendo  
A casa de marimbondo  
Em que estavam mexendo  
Pior que panela quente  
Cheia de água fervendo*

*Besouro não teve medo  
Deste grupo de soldados  
Eram seis ou oito praças  
Que ficaram revoltados  
Lutando contra Besouro  
Com seus sabres empunhados*

*Besouro se esquivava  
Dos golpes negaceando  
Zombava dos oito praças  
De “macacos” os chamando  
Tomou o chapéu de um deles  
E depois fugiu nadando*

Neste meio tempo o jornal Correio da Bahia também publicou uma grande e excelente matéria sobre Mangangá.

Não tive pressa em terminar minha obra. Estava curtindo todo aquele envolvimento e não queria que acabasse tão cedo. Também adiei ao máximo escrever sobre a morte de Besouro. Queria estender seu tempo de vida. Pelo menos na minha versão da história.

Mas não deu pra fugir, a morte de Besouro era chegada:

*Mas nesse mesmo instante  
Um homem por trás chegou  
Uma faca de aticum  
Na barriga lhe enfiou  
Besouro nem teve tempo  
De olhar quem lhe emboscou*

*O homem saiu andando  
Besouro caiu no chão  
Nem sabia quem havia  
Lhe feito essa traição  
Enquanto o sangue descia  
Lembrou se de uma oração*

*Mas sabia que era tarde  
Que chegara sua hora  
A sua missão no planeta  
Chegava ao fim agora  
Partiria pra Aruanda  
Era tempo de ir embora*

Tudo bem. Besouro continuava bem vivo dentro da minha cabeça e da imaginação de todos os capoeiristas. Não era uma pequena faca de tucum que ira conseguir acabar com um mito tão forte quanto ele. Tive a certeza que Besouro era mesmo imortal.

Fizemos uma grande festa de lançamento no Rio de Janeiro. A Orquestra de Berimbau da Abada Capoeira apresentou um pout pourri encabeçado pela música “Lapinha” seguida de várias cantigas de capoeira sobre Cordão de Ouro.

Todos se arrepiaram e o comentário de todos soava combinado e ensaiado:

- Parecia que Besouro estava lá!

E eu tenho a plena certeza que estava mesmo. A energia e a emoção estavam a flor da pele.

Um mês depois parti para a Bahia a convite do Forte da Capoeira para participar de uma romaria em Santo Amaro e Maracangalha no dia 8 de julho, data da morte de Besouro.

Foi indescritível pisar no mesmo chão em que Besouro havia pisado, percorrer aquelas estradas com grandes canaviais e beirar o Rio Subaé, por onde ele havia fugido nadando e deixado vários policiais “a ver navios”. Conhecer os arredores da Usina Cinco Rios em Maracangalha, dentro das redondezas onde havia sido emboscado e ferido pela tal faca de aticum

Na prefeitura de Santo Amaro, localizada dentro da antiga cadeia da cidade, construída em 1726, mestre Curió cantou uma ladainha rodeado por João Pequeno, Decânio, Boca Rica, Gildo Alfinete, Bola Sete, Moraes e vários outros renomados mestres da Bahia. Por fim inauguramos uma placa na Santa Casa de Misericórdia, onde Besouro deu seus últimos suspiros antes de falecer.

Muitas novas amizades eu fiz, muitas coisas boas me aconteceram e várias portas me estão sendo abertas devido a esta pequena homenagem que fiz a Manoel Henrique Pereira.

Espero que onde Besouro estiver, Deus o ilumine para que ele possa também trazer energias positivas e alto astral a todas as rodas de capoeira onde seu nome for cantado e todas as conversas e bate papos onde se contarem “causos” de Besouro Mangangá.

Porque uma coisa eu tenho certeza: Besouro é realmente imortal!